

TAMBÉM GUARDAMOS PEDRAS AQUI:

ANTROPOFAGIA E MEMÓRIA EM LUIZA ROMÃO

Autora: Júlia Genehr Santana Orientadora: Profª Drª Rejane Pivetta

INTRODUÇÃO

Também guardamos pedras aqui (2021), de Luiza Romão, reconfigura a tradição antropofágica brasileira ao deslocar a devoração para o campo da memória e da resistência. Mobilizando personagens e episódios da *Iliada* e articulando-os à contemporaneidade, a autora expõe a violência como fundamento estrutural da cultura ocidental. Nesse contexto, a pedra emerge como imagem central da obra, condensando simultaneamente memória, trauma, ruína e resistência.

OBJETIVOS

Analisar como os poemas devoram o mito épico para expor a violência colonial e patriarcal e reinscrevem as vozes dos corpos marginalizados como arquivos da memória e gestos de insurgência.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

ANTROPOFAGIA



- Oswald de Andrade
- Beatriz Azevedo
- Emanuelle Oliveira
- Tânia Rivera

FEMINISMOS, VIOLÊNCIA E GÊNERO



- Judith Butler
- Rita Segato
- Teresa de Lauretis

DECOLONIALIDADE, MEMÓRIA E ARQUIVO



- Ariella Aisha Azoulay
- Catherine Walsh
- Sílvia Rivera Cusicanqui
- Anibal Quijano

CORPO COMO ARQUIVO DA VIOLÊNCIA

MEMÓRIA



- Marca da violência
- Ruína e arquivo
- Corpos atravessados pelo trauma

DEVORAÇÃO



- Devorar o mito épico
- Metabolizar e reconfigurar
- Contra-antropofagia: relação, entrelaçamento e coletivização

RESISTÊNCIA



- Denúncia e escuta
- Insurgência e levante
- Reescrita da história a partir das vozes silenciadas

EIXOS ANALÍTICOS

I. A GUERRA COMO EIXO DE FUNDAÇÃO

Nos poemas "ifigênia", "agameinon" e "ajax", Romão reescreve a tradição épica para demonstrar que a literatura ocidental nasce do massacre e não do heroísmo. A guerra de Troia deixa de ser celebrada como mito fundador e passa a revelar a violência estrutural que sustenta o projeto civilizatório ocidental.

II. SILENCIAMENTO E VIOLÊNCIA EPISTÊMICA

Poemas como "homero", "polixena" e "cassandra" evidenciam mecanismos de apagamento histórico. As tarjas de censura presentes na obra performam visualmente o silenciamento das vítimas, enquanto as vozes femininas revelam a continuidade da violência contra corpos marginalizados.

III. PEDRA E RESISTÊNCIA

Ao longo do livro, a pedra assume dupla função, sendo vestígio da violência histórica e também instrumento de insurgência. Em "cassandra" e "andrômaca", a memória deixa de ser apenas arquivo do trauma para transformar-se em potência coletiva de resistência e reescrita da história.

CONCLUSÃO

A obra de Luiza Romão amplia o projeto antropofágico modernista ao incorporar perspectivas feministas e decoloniais. A pedra funciona como arquivo geológico da violência histórica, mas também como arma simbólica de resistência. Assim, a autora devora a tradição épica ocidental para expor sua violência constitutiva e construir novas possibilidades de memória, coletividade e insurgência.

**GUARDAR
PARA LEMBRAR.
LANÇAR
PARA TRANSFORMAR.**

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Oswald. Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.
AZEVEDO, Beatriz. Transmatricando de Pindorama. In: ANDRADE, Gênesis (org.). Modernismos: 1922-2022. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. pp.479-506.
AZOULAY, Ariella Aisha. História potencial: desaprender o imperialismo. Tradução de Cella Euvaldo. São Paulo: Ubu, 2024.
BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 21ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
BUTLER, Judith. Vida precária: os poderes do luto e da violência. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
CUSICANQUI, Sílvia Rivera. Ch'ink'inaik utxina: uma reflexão sobre práticas e discursos decoloniais. Trad. Ana Luiza Braga e Ulor Zisman Zalis. São Paulo: N-1 Edições, 2021.
OLIVEIRA, Emanuelle. O falocentrismo e seus descontentes: por uma leitura feminista da antropofagia. In: RUFFINELLI, Jorge; ROCHA, João César de Castro (orgs.). Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena. São Paulo: É Realizações, 2011. pp.417-428.
QUIJANO, Anibal. Ensayos en torno a la colonialidad del poder. Buenos Aires, Ediciones del Signo, 2019.
RIVERA, Tânia. Psicanálise Antropofágica (identidade, gênero, arte). 1. ed. Porto Alegre: Artes&Écos, 2021.
ROMÃO, Luiza. Também guardamos pedras aqui. São Paulo: Editora Nós, 2021.
SEGATO, Rita. As estruturas elementares da violência. Tradução de Danú Gontijo, Livia Vitenti e Marianne Holanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2025.
WALSH, Catherine (Ed.). Pedagogias decoloniais: práticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2015.

Realização



Apoio



Universidade de origem:

